

ASSINATURAS
(Pagamento adiantado)Portugal e Hespanha:
Ano 12\$50 — Semestre 6\$25
Colónias Portuguezas:
Ano 18\$00 esc
Estrangeiro (exce. Hespanha):
Ano 31\$00 lites.

Numero avulso 2\$6 ct.

Redação e administração
Rua da Sé
AVEIRO

ORGAO DA SEMANA

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CRISTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal:
A linha, corpo 10—800 rs.
Na pag. de anuncios:
A linha, idem, —600 rs

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Comp. e impr.

Tipografia NACIONAL
A VAPOR
Rua dos Santos Martires
AVEIRO

TUDO INUTIL

A revolução militar rebentou em Portugal no proprio dia, 28 de Maio, em que eu era submetido em Paris a uma operação perigosissima. Estava eu, pois, entre a vida e a morte quando recebi tal noticia. Leram-me os jornaes. Eu não podia ler. Mas podia, não obstante a febre que me devorava, ouvir e raciocinar, pois conservei sempre toda a plenitude das minhas faculdades intellectuaes e todo o rigor do meu raciocinio. E exclamei de prompto, rindo-me, para as pessoas de intimidade, portuguezas, que me cercavam: Não fazem nada. E a cabalrada que eu esperava ha muito tempo.

Na verdade, fui eu que criei, com a tenacidade que ponho em todas as minhas campanhas de imprensa, a atmosfera de que resultou o movimento militar que veio a ter em 28 de Maio o seu triumpho. Mas todos os meus leitores se devem lembrar das restricções com que eu acompanhava, invariavelmente, os meus artigos. Sceptico, conhecendo isto como ninguém, absolutamente seguro das causas da tremenda decadencia portugueza, que ninguém procurou nem procura remediar, antes estupidamente todos, sem excepção, agravam dia a dia, em ia acrescentando: E um recurso extremo, é a experiencia a tentar, possivelmente de resultados beneficos, mas na qual eu não tenho, confesso, confiança nenhuma.

«O de Aveiro» interrompeu a sua publicação, por virtude da minha doença, em 18 de Abril. O ultimo numero que sahii foi o d'esse dia. Ora ainda em 21 de Março, menos de um mês antes, n'um artigo de fundo intitulado *Dictaduras*, eu dizia:

«Eis por que eu punha o elemento civil inteiramente de parte. Politicos, parlamentares, jornalistas, professores, tudo, são os ultimos pulhas e os ultimos parvos. Nada se faz com elles. Absolutamente nada. Resta o elemento militar. Era, como eu dizia, uma experiencia a tentar. Devem-se lembrar os leitores de que eu punha muita pouca confiança no proprio elemento militar. Essa pouca confiança ficou, com o 18 de Abril e o 19 de Julho, muito abalada. Nessas duas grotescas jornadas mostraram-se abaixo de tudo, até profissionalmente, os chefes militares. Como vergonhosamente liquidaram os civis, vergonhosamente liquidaram os militares. Eu desenvolvi melhor essa these no proximo domingo escrevendo sobre as Juntas Militares. Despeço-me, com effeito, disse-o e repito-o, de todo o convívio com tal gente. Nunca tive senão uma ambigão, que foi concorrer para a civilização e para os progressos intellectuaes, moraes e materiais d'esta terra de beduinos, d'esta terra de barbaes, objectivo que servi e sirvo com a mais absoluta sinceridade. E acabo de o provar encerrando-me na minha absoluta intransigencia contra todos, absolutamente contra todos, desde que de lado nenhum pode vir a redempção que eu ambicionava.

Mettemam-se outros assumptos e eu não escrevi para o numero seguinte, como promettia, o artigo sobre *Juntas Militares*, o qual, pelo que fica visto, não lhes seria favoravel. Mas a propheta estava feita e realizou-se por completo, como todas quantas tenho feito n'esta patria. Se alguma differença ha a notar, é terem ido todas essas prophetas alem da minha propria expectativa nos seus desastrosos resultados praticos.

Dizia eu no trecho que fica transcripto que me despedia de todo o convívio com tal gente, encerrando-me na mais absoluta intransigencia contra todos, absolutamente contra todos, desde que de lado nenhum pode vir a redempção que eu ambicionava. Isto tem uma explicação. Fui procurado em Aveiro por um official de uma das mais importantes guarnições do paiz. Esse official queria ouvir-me, saber o que eu pensava sobre a obra que os seus camaradas, de quem se dizia delegado, queriam realizar para salvar o paiz. Embora absolutamente descrente, já, do exito de tal obra, disse-lhe qual era, na minha opinião, para tão alto e tão nobre objectivo, o caminho a seguir. Voltou segunda vez o official, passado mais de um mês. E a impressão que me deixou foi a de que, afinal, a revolução que se preparava ia ser um novo desastre, uma nova desgraça, uma outra *aveiro portugueza*. N'esta terra só se preparam e só se realizam *aveiros*, *sucessinas*, *asneiras*, *continuas asneiras*, ha muitos annos. Pedi-lhe que não voltasse, pois me abstinha inteiramente de toda a collaboração e intervenção no movimento. E para o confirmar, para que todos o soubessem, os que estavam dentro e fora dos bastiões, e salvar a minha responsabilidade perante a historia, desde que era eu o verdadeiro creador da atmosfera da ditadura militar, é que n'esse memoravel artigo publicado em vespéras da revolução, pude dizer, dois meses antes, eu repelia, pois já o tinha dicto (o emissario de que estou falando não era o primeiro que me procurava), que me despedia de todo o convívio com tal gente; é que eu dizia que me encerrava na mais absoluta intransigencia contra todos, absolutamente contra todos, desde que de lado nenhum podia vir a redempção que eu ambicionava.

N'essa altura, já eu conhecia muito bem o grande desastre, a grande desgraça que ia succeder.

Ri-me, disse, ao receber no meu leito de dor, n'uma casa de cirurgia, em Paris, a noticia da revolução, com o elenco ministerial e todos os incidentes e peripetias que immediatamente a antecederam, acompanharam e seguiram. E não me havia de ri! Todos os termos injuriosos empregados desde muitos annos por mim contra os politicos cahiram, arremesados pelos vencedores, sobre os vencidos. Eu era um *energumeno*, um *verrineiro*, e os proprios que tantas vezes me accusaram de *energumeno* e *verrineiro* acabavam por adoptar a minha escola, que triumphava em toda a *linha*. Tive que a adoptar o mesmo *Seculo*, desde o inicio da campanha Angola e Metropole, o mesmo *Seculo* que tantas vezes me injuriou pelo supposto desbragamento da minha linguagem, e que, convertido enfim em meu *discipulo*, não só coagiu os poderes do Estado a importantes actos de moralidade, mas augmentou notavelmente a sua tiragem, atrahindo as sympathias publicas. O *Seculo* já os não tratava senão por *quadrilheiros* e *bandidos*. Apodosei-me de todos os lados, e não só da banda do *Seculo*, estufavam sobre os politicos, fulminando os desgraçados.

Eu ria-me. Não me havia de ri! Ria-me de tudo. Até da inferioridade moral e intellectual dos *discipulos* da ultima hora, pois é bem certo, como eu sabia e dizia ha muito, que não tem linguagem desbragada quem a quer ter mas quem a pode ter. A linguagem desbragada só produz effeito, não ferindo de morte quem a emprega, quando ha talento e auctoridade moral para a empregar.

E o misero elenco ministerial? Eram as ultimas mediocridades. E aquillo é que vinha salvar o paiz do abismo tremendo a que os politicos o haviam arremessado!

A parte o general Gomes da Costa, que, não sendo estadista, que, não tendo a cultura e a capacidade precisas para homem de governo, era todavia um soldado, havendo-se distinguido na guerra como tal, e, como tal, de todos os nossos generaes o unico que ficou conhecido e apreciado na França e na Inglaterra, nenhum dos membros do novo governo era um nome nacional. Nenhum! Chamo eu nome nacional a aquelle, a aquelles que todo o paiz conhece e que elle consagrou pelo seu caracter, pelos seus talentos e pelos seus serviços á patria. Não ha, por desgraça, muitos d'esses em Portugal. Mas ainda ha alguns. Pois nem um só appareceu no governo nacional da revolução nacional que se propunha transformar os processos governativos e mular os destinos nacionais. Eram illustres anonymos, illustres *compadres*, sahidos do *compadrio* revolucionario. Mediocridades, sub-mediocridades, alguns — conhecidos porque eu conheço tudo, bom e mau — autenticas nullidades. E eu ria-me no meio do meu soffrimento, não sabia se em vespéras da morte, dizendo: Nunca imaginei, imaginando muito mal de tudo quanto se preparava, que os partidos ficariam logo no primeiro dia vingados e... rehabilitados!

Logo no primeiro dia da revolução! Facto unico, que só n'este paiz onde se não vive mas se joga o entrudo, como tantas vezes tenho dito, se poderia dar.

Tudo inutil, inteiramente inutil, a favor da redempção nacional, n'esta terra miseravel. E tudo inutil pelo motivo tambem exposto por mim tantas vezes, e que eu de novo explicava em Paris a um jornalista francez na vespéras ainda do meu regresso a Portugal. Lá fora tem-se o mais completo desprezo por nós. Na França, na Inglaterra, na Italia, na Alemanha. Em toda a parte, enfim. E o jornalista francez, mal podendo, por cortezia pessoal, esconder esse desprezo dizia-me:

—O que eu não comprehendo é como um paiz rico, com excellentes recursos naturaes, com magnificas colonias, com tantos elementos de prosperidade, vegeta tristemente, pois, perdoe-me, não se chama a aquillo viver, n'uma decadencia, n'uma fraqueza tão lamentaveis.

Repliquei:

—Pois, meu caro senhor, a explicação é tudo quanto ha de mais facil. Temos mais de 70 por cento de analfabetos. E aqui abro um parêntesis. Meu filho Fernando, n'um artigo escripto ha dias na *Informação*, diminua esse numero para 50. Não, menino, não. Não são 50 por cento. São mais de setenta por cento. Ha mais escolas hoje do que a queda do regimen monarchico. Mas, com a insensatez, a estupidez, a formidavel incompetencia dos legisladores e estadistas da republica, e o relaxamento incrível que levaram a todos os serviços, por um lado os professores, detestaveis professores, com honrosas excepções, ensinam menos e peor; por outro lado, já por esse motivo, já por outros, os paes deixaram de mandar os filhos ás escolas, que são hoje muito menos frequentadas do que no tempo do velho regimen. Isto sem contar que muitas das escolas creadas não chegaram a funcionar, — criação, pois, que ficou no papel, — por não haver casas para ellas.

Mas fechemos o parêntesis e voltemos a conversar com o francez.

«Temos, portanto», dizia-lhe eu, mais de 70 por cento de analfabetos. E temos na chamada *classe dirigente* uma formidavel incultura. Incultura que nunca ninguém procurou nem procura diminuir, antes sempre procuraram e procuram todos augmentar. Agora discute-se em Portugal uma reforma d'instrução secundaria.

Não imagina o senhor as heresias, as boboseiras, as *asneiras*, que professores, jornalistas, todos, tem escripto nos jornaes a tal respeito. Na sua decadencia abjecta, o paiz, todo elle, quer obter um maximo de lucro com um minimo de trabalho. Os operarios trabalham o menos possivel, os estudantes não querem estudar, os professores não querem ensinar. E os paes dos alumnos exercem toda a sua influencia no mesmo sentido, pois o seu unico objectivo é o diploma, como meio de obter o emprego. Os portuguezes exploram-se uns aos outros e todos elles o Estado. D'este modo, ha mais de meio seculo que todas as reformas d'instrução secundaria são consideradas *excessivas*. E todas ellas substituidas por outra *mais facil*. Calcula bem a diminuição de cultura que d'aqui resultou, e que se faz sentir enormemente na nossa literatura e em todas as manifestações do pensamento nacional. Em baixo, nas grandes massas, ignorancia cerrada. Em cima, idéas incompletas, idéas falsas, mais prejudiciaes que a propria ignorancia cerrada. O paiz, incapaz de comprehender os poucos homens superiores, de authentic merit, que existem no seu seio, ficou á mercê de todos os pedantes e aventureiros da pena e da palavra, que o conduziram aos trambolhões, insusceptíveis, pela vacuidade das suas idéas, de toda a acção profunda, efficaz, salvadora. Aventureiros e pedantes ligados pelo pacto do elogio mutuo, e cerrando em volta do poder a furta-lo ao acesso dos homens competentes, que, consciencia da sua superioridade, desdenhavam descer aos processos abjectos de *taes farroupilhas*. Portugal, assim, anarquizado nas idéas e nos actos, cahiria n'uma verdadeira cegueira, tornando-se, como se tornou, um paiz d'entrudo.

«Vou-lhe dar um facto concreto para o senhor apreciar. Esse basta. Mas ha milhares d'elles analogos. Não é uma excepção. É a regra geral. Gomes da Costa foi o unico general portuguez que se distinguiu no corpo expedicionario que veio a França combater os boches. Fazia parte das tropas um alfazete miliciano, chamado Nordeste, gatuino e parvo, que foi incumbido das altas funções de ficar de guarda a um lavadeiro durante a guerra. General e alfazete propuzeram-se a deputados por Lisboa nas ultimas eleições gerais. O general, que podia não ter qualidades de legislador, de estadista, mas que era um nome consagrado, *em homem*, obteve 70 votos. O alfazete miliciano, gatuino e parvo, que não tinha outra folha de serviços senão a de engraxar as botas aos politicos, obteve perto de cinco mil votos. Eis o sistema representativo no meu paiz. Eis o que vale a opinião publica em Portugal.

«Acrescece que nós estamos n'um extremo da Europa, á solta, como um burro espolinhando-se e espinotando livremente n'um prado verdejante. Todas as grandes e pequenas nações da Europa vivem sob o peso de grandes responsabilidades e de graves ameaças á sua propria existencia. Menos Portugal, que, apoiado na alliança inglesa, vive do delirio da sua loucura, desprezando todas as responsabilidades e affrontando imbecilmente todos os perigos, nos quaes, embora ás vezes por especulação politica, fale n'elles, não acredita. Aqui, n'esta Europa culta, os povos estimulam-se e fiscalizam-se uns aos outros. Os povos vivem n'uma permuta continua d'idéas e sentimentos. Almoça-se em Paris e janta-se em Londres, ou almoça-se em Londres e janta-se em Paris. Almoça-se em Paris, toma-se chá em Bruxellas e janta-se na Haya, em Amsterdam, na Hollanda, ou em Colonia, umas das mais celebres cidades da Alemanha. Vae-se em poucas horas, e vice-versa, á Suissa. E nós, portuguezes? Entregues aos nossos dispartes, tremendos dispartes, não temos para elles, pela nossa situação geographica, nem fiscalização immediata, que nos corrija, nem permuta continua d'idéas e sentimentos que nos estimule e ensine. Vemos o mundo por um oculo, e a falsidade de visão é manifesta, visto o mundo assim. Toda a reles fancia da liberdade da França, a que os senhores aqui sabem dar o desprezo merecido; nos cae em casa, adaptado logo como bom, como optimo, pela inferioridade mental portugueza dominante, pretenciosa e pedante, o que n'essa fancia artistica e literaria ha de estrambotico, dissolvete, desprezível.

«Comprehende agora o meu caro senhor? Um povo em *taes* condições não pode deixar de se delatar na mais funesta esterilidade e na mais desastrosa anarquia».

Passam revoluções sobre revoluções sem atacar os problemas fundamentais da nação. Sem restabelecer a ordem e a moralidade, o que, pelo menos, já seria alguma coisa, pondo á margem os parasitas e castigando os auctores dos mais nefandos crimes publicos, o que, repetimos, já seria alguma coisa, passam revoluções e revoluções sem ao menos se fazer isso, e sem se atacar nenhum dos problemas fundamentais dos grandes problemas da nação.

Entre estes um de capitalissima importancia: o primeiro d'entre todos, absolutamente desprezado por monarchicos, por republicanos, por catholicos, por livres pensadores, por militares,

por civis, por gente de todas as cores e sem cor nenhuma, gente de todas as seitas, partidos e profissões e gente sem nenhuma seita, sem nenhum partido, sem nenhuma profissão, por toda a gente, enfim, sem excepções algumas, que é o enormissimo problema da educação publica. Assim, aonde vamos nós parar, aonde esperar ir parar estes brutinhos? Paiz cheio de pedantes, com um Messias, um redemptor a cada esquina, mas, todo elle, composto dos mais estupidos bacorinhos. Aonde vamos nós parar?

«Oigo farfantes varios appellando para um Portugal maior. Este Portugal maior é um dos muitos logares communs d'estes alejadinhos da alma e do pensamento. Portugal maior, *almas ajoelhadas*, *corações ao alto*, e outras nigromancias d'estes anezinhos. Já chegou uma rapa de sabios e heroes! Repugnantes anezinhos. Oigo farfantes varios appellando á toda a hora para um Portugal maior, e elle cada vez menor, o desgraçadinho. Oigo depositar confiança nos novos. Já assim era quando eu nasci, e o que eu tenho visto, com os meus olhos intelligentes e a minha experiencia de 66 annos, é que cada geração de novos não tem feito mais do que reabilitar a geração de velhos que veio substituir. Sou um pouco culto, um pouco lido. Nunca li, na historia, povo que descesse com tão vertiginosa rapidez. Dizem-me que o sr. ministro da justiça, em cujo nome, antes da revolução, nunca ninguém ouviu falar n'este paiz, e que eu não tenho a desventura de pessoalmente conhecer, tem 4 palmos d'altura. Quiz Deus que o mais activo membro do ministerio actual, marcando esta phase da nossa evolução, ficasse um dos marcos milliares da historia portugueza! Oigo combater o pessimismo dos que desalentam e descreem, oppondo-lhe o optimismo das *almas ajoelhadas*, dos *corações ao alto*, do Portugal maior e quejandas palermicos. Já assim era quando eu nasci. Na minha juventude protestava-se contra o desalento de um Mousinho da Silveira, de um Passos Manuel, de um Alexandre Herculano, altissimos representantes da espiritualidade portugueza, já então, embora muito superior á de hoje, chegada a uma extrema decadencia. Tambem eu protestei. Entrou, porém, na vida, chegado á velhice, convencido de que só elles tinham razão. E hoje, já portos a dentro do vestibulo da morte, não hesito em affirmar o seguinte.

Toda a luz espirital, alta, nobre, desinteressada, chamma e força dos povos vivos, se extinguiu, se apagou n'este paiz. Portugal chafurda na mais porca materialidade. É uma grande taberna de *comes e bebes*, nada mais. Ha só um pensamento, um objectivo: a *gamella*. Todas as bulhas entre os commensaes tem um unico fim: a posse da gamella. E quando alguns se moym por vaidades, é a baixa e reles vaidade de estar senhor da gamella para distribuir por sua mão os alimentos. Nunca, na historia, um povo dominado por tão baixos objectivos deixou de desaparecer.

Portugal podia ter tirado grande proveito da sua intervenção na guerra. Não soube aproveitar a occasião, esse momento unico, como nunca soube aproveitar occasião nenhuma. Perdeu essa occasião, como perdeu a occasião do 5 de Outubro, como perdeu agora a occasião do 28 de Maio, feito para salvar o paiz das garras dos partidos. Ora *perder a occasião*, não a saber aproveitar, foi sempre uma nota de inferioridade, uma das caracteristicas da incapacidade dos povos e dos individuos. Tendo perdido o momento unico da sua intervenção na guerra, a ella deve o conservar ainda as colonias, todavia. As nações vencedoras heitam em expor-lhe um alliado, detem-se ainda deante d'esse escrupulo. Mas quem se encatrega de lhes destruir esse escrupulo somos justamente nós com a prova pegada da nossa incompetencia, dos nossos desatinos, da nossa desvergonha. Desprezando-nos profundamente, não verão apoio senão na incorporação dos outros povos da peninsula iberica. E, n'esse dia, o grande e glorioso Portugal d'outras eras desapareceu para sempre.

E' o fecho inevitavel da obra desordenada, estúpida, doida, que vem de longe, de todos estes incapazes, monarchicos e republicanos, partidarios e independentes, civis e militares, crentes e livres pensadores.

De todos!

Sobre elles: caia a maldição de Deus e da historia.

HOMEM CRISTO.

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

A Cigarra de Theocrito

— POR —

Narciso de Azevedo

— A venda em todas as livrarias —

Agradecimento

O director d'este semanario agradece a todas as pessoas que de todos os pontos de Portugal lhe escreveram, pedindo informações sobre a sua saude, para Paris. A todas ellas foi dada resposta por seu filho Fernando, que o acompanhou, durante a sua doença, na capital da França. Se alguma não recebeu resposta, foi esquecimento involuntario de que se pede desculpa.

Egualmente o director d'este semanario agradece, desde já, por este meio, enquanto as circunstancias da sua convalescença, que é longa, lh'o não permittem fazer pessoalmente, a todas as pessoas que o esperaram na estação d'esta cidade e o visitaram na sua casa de Aveiro.

Gomes da Costa

Depois d'esta suspensão de 4 mezes, não queremos, ao reaparecer este semanario, deixar de prestar homenagem ao proscripto de Angola do litoral, o bravo general Gomes da Costa. Muito discutido, depois dos acontecimentos de 28 de Maio, um ponto ha em que todos estão de accordo: é que sem a intervenção de Gomes da Costa, o movimento militar não teria triumphado. Isto basta para que, proscripto pelos proprios que elle elevou ao poder, lhe prestemos, nós, que nunca andamos atraz do sol nascente, a mais calorosa homenagem.

A nossa attitude em face do movimento militar fica hoje, em artigo de fundo, bem esclarecida e bem definida. Fomos nós que levantámos contra os partidos, bem alto, o pendão da revolta. Fomos nós que dirigimos, durante muitos annos, os mais rudes golpes á cabeça dos quadrilheiros, dos partidarios. Fomos nós que os amachucámos, fomos nós que os desacerditámos, fomos nós que, no conceito publico, os inutilizámos. Elles sabiam-no, elles reconheciam-no, e por isso não votavam o mais profundo odio. Offio que não perdiam occasião de manifestar, como ainda ultimamente, no caso labra, na camara dos deputados. Sentiam-se n'elles os democraticos, porque, naturalmente, eram esses os que nós mais descerditámos. E os que nós mais atacavamos, não porque os outros fossem melhores, que não eram, nem são, mas porque os democraticos, como aqueles que mais tempo occuparam o poder, eram os mais culpados. E como os julgássemos a todos eguaes, todos criminosos, todos viciados, todos causadores das desgraças nacionais, e todos incapazes de se reparar, é que appellámos, como ultimo recurso, para a ditadura militar. Fomos nós, ainda, que cremos essa atmosfera, que se tornou, por signal, como se está vendo, *sem irreparavel*.

Creámos essa atmosfera, mas como dissemos em artigo de fundo, sem fe nenhuma nos resultados. Se nos pedissem o nosso voto, antes da revolução, para o general Gomes da Costa como reformador, como ministro, como homem encarregado das grandes obras de regeneração nacional de que andamos tão necessitados, não lh'o dávamos. Mas tambem o não dávamos a nenhum outro dos nossos generaes. A todos os officiaes que n'esse periodo nos procuraram nós dessemos isso mesmo. Respetamos invariavelmente o nome dos generaes para isso. Pode ser que haja no exercito homens novos com as qualidades precisas para a acção governativa que se requer. Mas se os senhores abdicam nos velhos, não fazem nada. Não nos quizeram ouvir e apparecer chefe do governo o general Gomes da Costa. Do mal o menos. A ser ali, antes, antes. Não era um general mangra de alpaca. Não tinha credo fama a escrever ridiculos artigos sobre tatica ou outra materia do exercito nas revistas militares. Artigos plagados e, em regra, sem grammatica. Eu sei, infelizmente, trinta annos metido nos quartéis. Sei o que ha por lá. Conheço todo o teclado da psychologia militar. Sei como se creava fama de *bom militar*. Os que creavam essa fama, ou eram uns theoreticos incapazes de toda a acção pratica, intelligente e fecunda, ou as ultimas nullidades. O general Gomes da Costa, não. Esse não era *conselheiro*. Era, ao menos, um soldado, decidido e desempeado.

Parce que o não ser conselheiro lhe valeu a cair, dentro do proprio exercito onde o conselheiro tem o direito de mandar, em desamor. Accusam-no da sua franqueza rude, das suas exortações de um beismo requintado. Era o que elle tinha de melhor. Algumas das suas phrases, ditas a tempo, adequadas ás circunstancias, expressivas, syntheticas, de flagrante verdade, intelligentes, porque o general Gomes da Costa é incontestavelmente intelligente, ficaram, para sempre, lapidarias.

Accusam-no, tambem, de não ter feito nada. De quem foi a culpa? Elle não tinha preparação, nem cultura, para a missão de que o encarregaram. Comprehendia-se como *Sai o que a por lá*. Conhecendo a aquellos que empunhavam o estandarte collocar-lhe ao lado, *desde logo*, collaboradores capazes. E, em regra, collocaram-lhe ao lado *verdadeiros* parvos. Alguns dos que mais bramaram contra elle foram, justamente, os que, pela sua incompetencia, mais o entalaram. Que mais e melhor tem feito os que o substituíram na governação do Estado? De modo que o general Gomes da Costa não foi mais do que, como em tantas circunstancias analogas em todas as epochas e palcos tem succedido, o bode expiatorio d'um povo incompetente, desorientado, demencia de um plebeio mesmo que não sabe o que quer, por onde marcha e para onde marcha, está sempre prompto a descarregar n'este ou n'aquelle os seus proprios erros e peccados.

E' isso que nos leva n'este momento a saudar o proscripto da Ilha Terceira, victima, não dos seus defeitos, mas das suas qualidades. Valente, corajoso, natureza de protesto, teve a ingenuidade de supor que, n'um povo onde tudo são hyposcritas, mentiras e covardias, politica, com essas suas virtudes, triumphar. Tera a ingenuidade de não ver que o conselheiroismo sorna que domina todas as camadas sociais, acabaria, depois de o aproveitar para o rango de valentia que lhe dava o triumpho e de que os conselheiros se sentiam absolutamente incapazes, por o correr como perigoso, maluco ou desastrosado.

Mas ainda ha quem lhe faça justiça n'esta patria. Meu caro Gomes da Costa, eu d'aqui lhe envio, sem temer, as minhas saudações e um abraço.

Homem Christo Filho

Homem Christo Filho não foi expulso do paiz senão pela sua acção jornalística. E evidente. Evidentemente. Nenhum homem inteligente e honesto tem a menor duvida a tal respeito, embora tratantes de varia especie venham em porcas gazetas com insinuações em contrario.

O governo dictatorial, que ali está, não teve a coragem de incluir na odiosa lei de imprensa a pena d'expulsão do territorio nacional para os jornalistas que se atreviam a escrever sem permissão, primeiro, aos ministros, de chapéu na mão, o que os excellentissimos querem que se escreva, pondo-se deante d'elles de joelhos ou de cocoras. Este foi o unico crime de Homem Christo Filho. Diga-se bem alto. A pena não foi inscrita na lei. Mas existe de facto.

Foi-nos transmitido pela censura, aqui em Aveiro: 1.º que não nos era permitido fazer referencias a movimentos revolucionarios; 2.º que não nos era permitido publicar noticias alarmantes; 3.º que não nos era permitido dirigir insultos aos ministros nem ás autoridades. Mais nada. Creio eu que deve ser o mesmo que, oficialmente, se não permite em Lisboa. O governo, que se não atreveu a incluir, na lei d'imprensa, a pena d'expulsão do territorio nacional para os jornalistas que se não ponham de joelhos deante d'elle ou de cocoras, também se não atreveu a prohibir que se discorde, censurando-os, dos seus actos. Mas a verdade é que elle não consente que se discorde dos seus actos. Mas a verdade é que elle não consente que o censurem por esses actos. Mas a verdade é que elle vae até ao extremo espantoso, nunca foi tão longe a tyrannia n'esta terra, — de por fora de Portugal os portugueses que tenham a ousadia de não dizer amen a tudo quanto elle diz e a tudo quanto elle faz.

Quer-se a prova do que estamos avançando? Encontramo-la nas proprias declarações publicas do presidente do ministerio.

Não lemos o 1.º numero do orgão do governo, O Portugal. Nem nenhum, salvo o n.º 2, que, por favor de um amigo, nos veio á mão. Esse numero 2 é uma verdadeira miseria, que não envergonha só o governo de que a papelleta se diz orgão, mas, nacionalmente, a todos nós. Miséria graphica, miséria politica, miséria litteraria. Dizem-nos, porém, que o primeiro numero ainda é peor, chamando-se em especial a nossa attenção para o artigo de fundo, que é, sempre segundo essas informações, phantástico, unico, mirabolante. Appellamos para a caridade publica. Se alguém tiver a caridade de nos enviar esse numero, ficar-lhe-hemos muito obrigado. Um artigo d'apresentação — em taes condições, estampado no orgão de um governo redemptor, é, verdadeiramente, digno d'análise.

Não lemos, pois, esse 1.º numero, onde vem uma entrevista com o dictador, o sr. general Carmona. Mas o Diário de Noticias copiou uma grande parte d'ella. Copia fiel, ou não se tratasse do humilde Diário de Noticias, e a copia não houvesse sahido com a chancellaria da censura de Lisboa. A ella nos vamos reportar.

Eis o que, relativamente a Homem Christo Filho, disse o dictador:

Agora trata-se, diz o Diário de Noticias, do nosso colega sr. Homem Christo, Filho, director da "Informação". Foi-lhe apresentado pelo sr. general Gomes da Costa quando acabou um conselho de ministros. Relata s. ex.º:

Apresentou-me o projecto da constituição de um orgão, ou comitê de propaganda de Portugal em Paris, orgão que se propunha defender o movimento militar português no estrangeiro. Trazia já o projecto elaborado — pronto a ir para o Diário do Governo... Tratava-se de um comitê de Propaganda de Portugal, com poderes de requisitar ao Ministerio dos Estrangeiros pessoal, dar-lhe funções que poderiam ser, assim o julgo, diplomaticas, mudar de sede ou alojar-se em qualquer ponto do estrangeiro, etc.

Esse comitê, conforme me disse, custaria ao Estado umas 30 escassas libras por mês. Discordei e combati-o. Não pôde trazer encargos para o Tesouro, como até porque entendo, como já expus, que a melhor propaganda a fazer de Portugal consiste em Portugal, e quer a administração se com honestidade, lealdade e critério.

Notei, desde logo, que a minha opinião fora recebida, tanto pelo sr. general Gomes da Costa, como pelo sr. Homem Christo, Filho, com manifestação de vontade. Pouco depois — e este caso contribuiu poderosamente — eu estava demissionario. Sucedeu-me o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, e a verdade é que tal comitê, não foi organizado. Mas, passado pouco tempo — o sr. dr. Martinho Nobre de Melo foi ministro apenas quatro dias — apparece, dirigido pelo sr. Homem Christo, Filho, o jornal A Informação, publicando uma serie de artigos contudentes, cheios de violencia, incitando á revolta.

Pergunta-lhe o entrevistador: — Que V. Ex.ª tira qualquer ilação? Responde o sr. Carmona:

Não... Haverá, porém, quem pergunte se, possivelmente, existirá qualquer ligação entre os dois factos citados? O meu combato á constituição do orgão, cujo projecto foi apresentado e defendido pelo sr. Homem Christo, Filho, com o aplauso do general Gomes da Costa, e o apparecimento de A Informação, dirigida pelo mesmo sr. Homem Christo, Filho... É a A Informação, tem sido, desde a sua primeira hora, um baluarte de revolta e de incitamento contra o governo da minha presidência... Em torno do sr. Homem Christo se reuniram os inimigos do governo — muitos dos quaes, quero crer, ignorando que a declaração de hostilidade contra a actual situação, feita pelo sr. Homem Christo, Filho, tem a sua origem num projecto da sua autoria, que eu, como membro do governo, entendi não dever aceitar...

E rematando: — De resto, o sr. Homem Christo, Filho, e seus companheiros de revolta, que tanto tem apregoado e defendido medidas violentas, citando a proposito o sistema adoptado pelos grandes ditadores, com o fim claro de mostrar que o governo que hoje occupa as cadeiras do poder é débil e fraco, e que não é com panos quentes que a situação portuguesa se esclarece e resolve, não devem admirar-se dum acto energico do governo...

Não, afinal, damos execução aos conselhos do sr. Homem Christo, Filho... Pois se isto não ia nem vai com... panos quentes!

Objecta o entrevistador:

Não desconhece V. Ex.ª que a attitudão do governo criou um grande espirito de camaradagem e solidariedade em volta do director de A Informação...

Resposta immediata:

Eu sei, mas é bom que essa solidariedade se manifeste. Nunca em Portugal o sr. Homem Christo, Filho, contou tão numerosos e sinceros amigos, nem a República foi tão delirantemente ovacionada...

Se o sr. general Carmona se permite o direito de entrar no dominio das supposições, também deve dar esse direito aos outros, se o sr. general não é divino, se o sr. general não é dogma. E' o sr. general divino? E' o sr. general um dogma? Então cala-te, boca, e já aqui não está quem falou. Mas é o sr. general um simples mortal? Um simples cidadão como os outros, embora presidindo a um ministerio? N'esse caso, se sua ex.ª pode insinuar que Homem Christo Filho lhe tinha má vontade por causa do projecto das 30 escassas libras, Homem Christo Filho pode insinuar, e com elle toda a gente, e já muitos o tem dito, que a má vontade contra Homem Christo Filho vem da má vontade que o sr. Carmona tem a Homem Christo

Pae. Não ignora nenhum dos leitores d'este periodico as censuras que aqui fizemos ao sr. Carmona por causa do processo do general Souza Rosa. Censuras que o sr. Carmona não desprezou, pois requereu por causa d'ellas julgamento em conselho superior de disciplina do exercito.

E' sempre muito arriscado fazer supposições. O general Souza Rosa apregoava que a campanha que nós lhe moviamos resultava d'elle se ter opposto á nossa reintegração no exercito, quando esse projecto foi presente á camara dos deputados. Ora lembram-se também os leitores de que destruímos immediatamente essa columna com a transcrição dos artigos do Povo de Aveiro no Exílio contra o mesmo Souza Rosa, em epocha em que era inteiramente impossivel podermos pensar em reintegrações no exercito. Logo, nós poderíamos dizer que se o Souza Rosa combatia o projecto da reintegração apresentado e assignado por 20 deputados na camara respectiva, era por despeito e vingança das tremendas verdades exaradas contra elle no Povo de Aveiro no Exílio, annos antes, quando na capital da França se publicava esse periodico. Mas elle é que não podia dizer que o atacavamos na imprensa pela sua attitudão contra nós no caso da reintegração, sendo certo que os nossos ataques fulminantes contra elle vinham d'um periodo muito anterior a essa data.

De resto, nós nunca requeremos, nós nunca pedimos, como sempre temos dicto, nem autorizamos ninguém a pedir, a tal decantada reintegração no exercito. Antes consideramos isso uma borra, sem importancia nenhuma para nós. Se ha, se houve sempre, uma corrente n'esse sentido, é absolutamente independente da nossa iniciativa e da nossa influencia, tendo-nos sempre reservado, sobre o assumpto, sem o dizer a ninguém, caso isso fosse ávante, a nossa ultima palavra. Seja dicto de passagem.

Mas, voltando ás declarações do sr. Carmona, é inteiramente inexacto que Homem Christo Filho só pensasse na fundação de um periodico em Lisboa depois do sr. Carmona se oppor ao tal projecto das 30 libras escassas. Homem Christo Filho não podia, evidentemente, fundar, só por si, um diario. Mas admitta desde Paris essa eventualidade. Desde o dia em que resolveu vir a Portugal, fazia isso parte dos seus projectos, fossem ou não fossem realisaveis. Não foi, portanto, para combater o sr. Carmona, em quem nem pensava, que tal idéa veio no seu espirito a germinar.

De resto, o projecto das 300 libras, e não 30, era um projecto intelligente, e nada mais. Podia o sr. Carmona não o aceitar, o que, aliás, era de esperar. Mas não por que lhe repugnasse pelo lado da despesa, pois o Nordeste esteve a ganhar 8 libras por dia só para abotoar os suspensorios ao sr. Affonso Costa, como dizia o fallecido Leote de Rego, e um sobrinho do Barboza de Magalhães outras 8 libras só para que a esposa se aperfeiçoasse em Paris no estudo do piano, como toda a gente sabe em Aveiro, donde esses inclitos varões são naturaes. Todavia, o sr. Carmona não deixou de ter toda a consideração e respeito pelo sr. Affonso Costa! O sr. Bettencourt Rodrigues, que eu conheci communista, já affirmou publicamente essa consideração e respeito, por seu lado, e tanto pelo sr. Barboza de Magalhães como pelo sr. Affonso Costa. Em 1882 era o sr. ministro dos negocios estrangeiros do governo actual estudando a Faculdade de Medicina de Paris e em redactor do Seculo. Sua excellencia vinha a Lisboa de vez em quando, aproveitando algumas das férias escolares. Nunca deixava de visitar o Seculo. E ali clamava contra Gambetta, contra Ferry, contra Paul Bert, etc., acoimando de burgueses o sr. Magalhães Lima pela politica que fazia no seu jornal. Não sei se o sr. Bettencourt Rodrigues sabe que tenho muito boa memoria! Lembrou-me dessas e d'outras coisas preciosas. E' claro, o antigo communista acabou como acabam todos os homens publicos em Portugal: por manifestar, sendo ministro de um governo sahido de uma revolução que se propunha destruir os erros e os crimes dos partidos e dos partidarios, a sua admiração e respeito pelo Barboza de Magalhães e pelo Affonso Costa!

Ora as 10 libras por dia concedidas a Homem Christo Filho para a sua propaganda na Europa, e que elle faria melhor do que ninguém, sempre eram mais uteis ao paiz, bem mais uteis, ao paiz, e á república, do que as 16 libras diarias comidas pelo sobrinho do Barboza de Magalhães para que a esposa completasse a sua aprendizagem de piano, e pelo famulo do sr. Affonso Costa, para abotoar todos os dias a este grande mitrado os suspensorios.

Também não é exacto que Homem Christo Filho publicasse na Informação artigos cheios de violencia, incitando á revolta, como affirmo o sr. Carmona, presidente do ministerio. Todos os leitores da Informação, absolutamente todos, ali estão para affirmar esta verdade. O que Homem Christo Filho fez, dentro do seu direito, dentro da lei, sem sahir da mais rigorosa cortezia, foi escrever sem pedir licença ao sr. Carmona, em harmonia com o que a sua intelligencia e a sua consciencia lhe dictavam. Sem pedir licença ao sr. Carmona! Foi esse o seu crime. O seu unico crime! E, verdadeiramente, é tempo de perguntar se, atordando-nos esta gente os ouvidos a toda a hora com democracia, república, liberdade, igualdade, fraternidade, Portugal ha de ficar eternamente dividido, na maneira de ser governado, em patrões e creados de servir. Até aqui eram uns patrões. Agora são outros. Mas patrões, sempre.

Creados de servir, disse eu, mas disse mal. Escravos, é que devia dizer. Pois os creados de servir reportam com os patrões, e mandam-nos á fava, sem d'ahi lhes advir perigo algum, quando não são tratados por elles com delicadeza. E os jornalistas portugueses são expulsos do seu paiz, não quando saem fora da lei, não quando incitam á revolta, não quando pregam a violencia, mas quando o que elles escrevem desagrada, pura e simplesmente, aos homens do governo. Os creados de servir estão em melhores condições. Tem mais direitos e mais regulas do que elles.

Por mim, que tenho prestado desinteressadamente mais serviços á causa do progresso, da civilização nacional, do que todos estes dictadores da ultima hora reunidos, que ninguém conheceu, em quem ninguém ouviu falar quando eu, no tempo da monarchia e da república, andava pelas cadeias e pelo exilio como inimigo eterno, que sempre fui, de todo o banditismo, por mim protesto com a maior vehemencia contra tamanha tyrannia.

Que Homem Christo Filho publicou uma serie d'artigos incitando á revolta, cheios de violencia! E' repete-o adiante, tornando a dizer: E a Informação tem sido, desde a sua primeira hora, um baluarte de revolta e de incitamento contra o governo da minha presidência! Ora o baluarte de revolta e de incitamento contra o governo da presidência do excellentissimo sr. Carmona limitou, de novo o affirmamos com a maior energia, que é a energia da verdade, limitou a sua revolta e o seu incitamento a uns suavisimos artigos contrarios a certos actos do governo. Não foi mais nada. Foi só isto. E fica demonstrado, portanto, que o sr. Carmona não tolera, não admitta, não consente, que o não se

concorde, manifestando-o por meio da palavra falada ou escrita, com os actos do governo.

Desde a sua primeira hora, clamou o excellentissimo senhor Carmona. Desde a sua primeira hora e desde o seu primeiro numero. Ora tendo nós aqui a collecção da Informação fomos ver o primeiro numero. E por mais que lessemos e relessemos nada descobrimos de revolta e de incitamento. Querem ver que a revolta e o incitamento da primeira hora, isto é, do primeiro numero, estiveram na publicação do retrato do general Gomes da Costa, com umas palavras, ao lado, amaveis para o proscripto? Só se foi isso. E não foi outra coisa. Não podia ser outra coisa. Foi isso! Ora era justissimo que a Informação, partidaria do movimento de 28 de maio, fivesse palavras amaveis e actos de deferencia para com o unico auctor d'essa revolução, que foi o sr. Gomes da Costa, e revolução em nome da qual o excellentissimo sr. Carmona está procedendo. O papel do excellentissimo sr. Carmona n'essa revolução foi absolutamente secundario, como o sr. Carmona é o primeiro a reconhecer. Disse elle, na entrevista do Portugal, segundo continuamos lendo no Diário de Noticias:

Nunca fui, é certo, politico, nem a politica me interessou. Convidado um dia a colaborar n'um movimento revolucionario, inquiri da pessoa que se me dirigia: — Com que intuito e qual o objectivo do movimento? — Não obtive resposta concreta e, por tal motivo, não tomei qualquer compromisso. Um serviço official, dias depois, chamava-me a Elvas, e ali, quando certa noite me dispunha a regressar a Lisboa, fui informado, na estação do caminho de ferro, de que não podia seguir, visto ter-se dado um movimento militar. Retrocedi. Informei-me do que se passava junto dos regimentos de Elvas, onde a noticia já havia chegado. Era o official mais graduado. Consultei os meus camaradas. Ellos adheriram ao movimento. Occupi o meu posto, accedendo a adherir, e parti para Elvora, onde, após identica consulta, tomei o commando da divisão. E aqui tem como eu fui... revolucionario.

Portanto a coisa é clara. O excellentissimo sr. Carmona não adheriu, quando da primeira vez foi convidado. O general Gomes da Costa, apesar d'isso, não hesitou. Poz-se á frente das tropas do norte e soultou o grito de revolta, avançando sobre Lisboa. O excellentissimo sr. Carmona sabe d'isso em Elvas e consulta os officiaes, que estavam mettidos no movimento desde muito. Os officiaes, pudera, adheriram. O excellentissimo sr. Carmona vae para Evora e consulta os officiaes que estavam mettidos no movimento desde muito. Os officiaes, pudera, adheriram. E então o excellentissimo sr. Carmona adheriu também. Quem foi, correndo-lhe todos os riscos, o auctor unico da revolução? Não foi o general Gomes da Costa? Evidentemente que sim. Todos os movimentos militares, feitos anteriormente, se tinham perdido. Estava já o Cabeçadas, o celebre Cabeçadas, vencido em Lisboa. Só o general Gomes da Costa não foi vencido, só o seu movimento se não perdeu, só elle arrancou a valer, só elle salvou tudo. E' um crime dizer esta verdade, na vigencia da revolução que só elle fez virar? E' um crime lembrar o nome d'esse valente soldado? E' um crime prestar-lhe a devida homenagem? Então está bem, a Informação foi desde a primeira hora um baluarte de revolta e de incitamento contra o governo da presidência do sr. Carmona. Mas, n'esse caso, é licito perguntar: se o governo do excellentissimo senhor Carmona é uma sequencia do movimento de 28 de maio, e em nome d'elle governa, como é um acto de revolta e de incitamento contra o mesmo governo lembrar o nome do illustre general sem cuja valente e audaz acção elle não existiria? Se não é uma sequencia d'esse movimento, que autoridade tem elle e que significa na vida politica do paiz?

E ainda outra pergunta: se a Informação publicava artigos cheios de violencia, incitando á revolta, se desde a sua primeira hora foi um baluarte de revolta e de incitamento contra o governo, como deixou que livremente se fizesse tudo isso a inquisitorial censura de Lisboa? Nunca, nem nos mais ferozes tempos do absolutismo e da inquisição, foi tão rigorosa, como hoje, a censura publica, tão attentatoria da liberdade do pensamento. Como deixava ella, como consentia que publicasse taes coisas Homem Christo Filho? Como as deixavam as autoridades correr mundo?

Excellentissimo senhor general Carmona, permissão V. Ex.ª que este seu humilde creado lhe lembre que o silencio é d'ouro...

Emfim, o excellentissimo senhor general Carmona conclue n'estes termos:

De resto, o sr. Homem Christo Filho, e seus companheiros de revolta, que tanto tem apregoado e defendido medidas violentas, citando a proposito o sistema adoptado pelos grandes ditadores, com o fim claro de mostrar que o governo que hoje occupa as cadeiras do poder é débil e fraco, e que não é com panos quentes que a situação portuguesa se esclarece e resolve, não devem admirar-se dum acto energico do governo...

Não, afinal, damos execução aos conselhos do sr. Homem Christo Filho... Pois se isto não ia nem vai com panos quentes!

O silencio é d'ouro, excellentissimo senhor general Carmona, como é da velha sabedoria das nações. Essas palavras seriam a condemnacão de um homem d'Estado em qualquer paiz do mundo culto. Ellas acabariam de provar, se já não estivesse provado, que o acto do governo contra Homem Christo Filho foi, invocando-se motivos falsos ou futeis, um acto de despeito, de represalia, de vingança, tão somente. E um acto de despeito, de represalia, de vingança, não pelas palavras violentas ou incitando á revolta da parte do jornalista, mas porque elle sabia, com habilidade, tocar nas feridas do governo. O sr. Homem Christo Filho e os seus companheiros de revolta não apregoavam e defendiam medidas violentas; apregoavam e defendiam medidas de justiça e de defesa da dignidade do poder, o que faz muita differença. Defesa da dignidade do poder e da dignidade e conveniencia do paiz. Não admira que V. Ex.ª confundisse, porque confundir tudo é vulgar entre nós, outros dos signaes da inferioridade mental que nos caracteriza. O sr. Homem Christo Filho, por exemplo, censurou o governo, e muito bem, por elle ir quasi em massa á jantareza do hoteleiro da Curia. O sr. Homem Christo Filho disse, e muito bem, muitissimo bem, que, se elle fosse ministro, teria feito pôr fora da sala o celebre conde de Agueda e os arruaceiros monarchicos que o acompanharam, pelo seu insultuoso desrespeito, nas bochechas dos ministros republicanos, ao regimen. Pô-los fora da sala e, depois, prende-los. Muito bem, muitissimo bem, pois, para que o sr. conde de Agueda e os arruaceiros seus correligionarios procedessem d'outra forma, bastaria que conhecessem as regras da civilidade, como disse ainda, e muito bem, muitissimo bem, o sr. Homem Christo Filho. Ou não iam ao jantar, sabendo que estava lá o presidente do ministerio e outros membros do governo, ou conduziam-se com a devida cortezia. Eu sou livre pensador. Mas se encontrar um proscripto, embora se não devam realizar n'um paiz em que a religião officialmente está abolida, tiro o meu chapéu por cortezia. Se entro n'uma igreja, não pratico actos nem gestos que offendam as crenças dos que estão lá dentro. Se vou a casa d'um monarchico, não me ponho a dar pataçada se os monarchicos presentes exaltam a monarchia. Quanto mais em face dos ministros, seja qual for o regimen que elles representam!

O sr. Homem Christo Filho censurou, e muito bem, muitissimo bem, a existencia, por esse

mundo fora, de representantes diplomaticos incapazes, impossiveis, que não sabem defender os interesses nacionaes e nem sequer honrar o nome do paiz. O sr. Homem Christo Filho verberou a impunidade dos abusos commettidos pelo Banco de Portugal e pelo Banco Nacional Ultramarino. E assim outros attentados, outras iniquidades, outros abusos. Não apregoou, torno a diz-lo, nem defendeu, medidas violentas. Apregoou e defendeu medidas d'energia honrada e de justiça, precisamente as que prometiam os homens da revolução de 28 de maio e nas quaes apoiaram esse movimento. O excellentissimo senhor Carmona, em vez de achar razão a Homem Christo Filho, indignou-se contra elle, e em vez de guardar a sua energia para dar ao paiz as medidas de salvaguarda que este exige ha tantos annos, e em nome das quaes o excellentissimo senhor Carmona se arvorou em dictador, empregou-a toda contra o jornalista que ousava incommoda-lo na sua infallibilidade, na sua omnipotencia e na sua omniencia, bradando como os rapazes da rua: querias tapona? Ah! a tens, e rijs.

Pois bem. Regista-se, já que não ha outra coisa a fazer n'este momento.

Cunha Leal

Este emerito pantomimeiro annunciou que ia pedir a demissão de todos os seus cargos publicos, incluindo a de official do exercito. De vez em quando tem d'estas entradas: pede a demissão de tudo, até de politico, até de cidadão português. Mas, após ás entradas de leão, veem as sahidas de sendeiro. Fica sempre, como agora ficou. E não só ficou, como vae occupar o logar que lhe offereceram de governador do Banco de Angola, continuando d'esse modo a prestar serviços... ao Banco Nacional Ultramarino.

E o governo, que veio para castigar os politicos, continua a entender-se maravilhosamente... com os politicos!

A Censura

A censura, em Lisboa, segundo d'ali nos informam, excede tudo quanto, no paiz e fóra do paiz, contra a liberdade de imprensa se tem visto. Basta dizer-se que nem consente que se responda ao Portugal, orgão do governo, nos devidos termos. O Portugal pode insultar os outros periodicos, dizer tudo quanto lhe vem á cabeça. Mas os outros, é que lhe não podem responder nos mesmos termos!

A censura nem consente que se ataquem os monarchicos alem de certos limites. E nem mesmo a bambochata anterior ao movimento de 28 de maio, a bambochata dos partidos, contra a qual esse movimento foi dirigido.

E' um cumulo!

O Comprinhas

Contam-nos o seguinte: Antes do 18 de Abril, logo que se começou a tratar d'esse movimento, um rapaz muito conhecido pediu uma entrevista a um certo alto figurão do paiz. Este marcou-lhe local, em sua casa, d'elle, alto figurão, a hora fixa. A' hora fixa lá estava o cidadão que pedira a entrevista. O outro demorou-se um pouco, appareceu por fim carregado d'embrulhos. Pediu desculpa, allegando que a demora proviera d'elle ter andado a fazer umas comprinhas para a familia. Exposto o fim da entrevista, Comprinhas negou-se absolutamente a entrar no projectado movimento que teve a sua eclosão em 18 de Abril.

Cá fóra, varios amigos aguardavam o emissario. Este, rindo, exclamou: Que esperavam vocês do Comprinhas! E' o Comprinhas! E é claro que o Comprinhas não se mette em aventuras que possam deixar a familia... sem comprinhas!

Alguem pode-nos dizer quem é o Comprinhas?

Sempre os Mesmos

O Correio da Manhã enfileira entre os pasquins que dirigem insinuações a Homem Christo Filho. Não é capaz de fazer uma accusação concreta, como nenhum d'elles. Limita-se a insinuações torpissimas. Ora quem percorrer a collecção de O de Aveiro, e ler os artigos escriptos por nós durante o periodo da guerra, verá o numero de traidores que se contavam entre os monarchicos e as tareias que, por tal motivo, applicamos no Correio da Manhã. Traidores manifestos, traidores declarados, traidores confessos, e que os monarchicos, no entanto, exaltavam, tendo ido a sua desvergonha até fazer de alguns d'elles deputados. E foram esses artigos a causa principal de termos sido conservado em prisão durante mais de três meses, prisão ordenada pelo celebre Mendonça e exigida pelos officiaes thalassas que constituem agora o mais solido apoio do governo.

E ousam estes bandidos falar em patriotismo!

Souza Rosa

E' já do dominio publico que a ordem do exercito publicou ha mais de um mês a divinição do general Thomaz de Souza Rosa, canonizado pelo excellentissimo dictador, general Carmona, sobre parecer de uma commissão dos três generaes: José Rodrigues Lopes de Mendonça e Matos, João Pereira Bastos e Roberto da Cunha Baptista, sem falar no relatório, que não se conhece, do general reformado José Victorino de Souza e Albuquerque.

As conclusões do parecer dos três generaes são muito longas, nem vale a pena publicá-las, pois já são de todos conhecidas. Diremos apenas que os três generaes não negam muitos dos factos que tornaram infeliz a campanha dirigida em Africa pelo general Souza Rosa, attribuindo-os por todos a culpa das autoridades civis e dos governos. As autoridades militares, como já se tinha visto no caso do general Ferreira Gil, ficaram sempre... innocentes! No caso Ferreira Gil todas as culpas foram do sr. Antonio José de Almeida, como todos os pasquins germanophobos vão em grita clamaram no tempo do sidonismo.

Ao general Souza Rosa faltaram-lhe, dizem os canonizadores, os auxilios do governo. O general allemão Von Letow, entregue a si exclusivamente, sem poder contar com auxilios de ninguém, fez uma campanha admiravel, que sobre-modo honra o seu nome, collocando-o entre os mais famosos generaes da guerra. Que differença haverá entre Von Letow e o Souza Rosa, entre Von Letow e os três: Mendonça e Matos, José Pereira Bastos e Roberto Baptista, para os quaes Souza Rosa é um grande general, devendo attribuir-se todos os desastres da sua campanha ás autoridades civis, aos governos e aos ingleses? Os leitores acharão a resposta a esta pergunta na sua consciencia e na sua intelligencia, pois ella é facil d'encontrar.

Nas suas conclusões, os três generaes dizem que houve da parte de alguns subordinados o proposito de deprimir e desfavoravelmente apreciar os actos do commando. Estes, os subordinados, que agradeceram aos três generaes e todos aqueles que, — alguns officiaes muito illustres, — contra Souza Rosa depuseram no processo. Que lhes agradeçam! Mas não foram só os subordinados, o sr. Antonio de Cértima, testemunha presencial, diz contra Souza Rosa as coisas mais extraordinarias de pag. 266 a 269 do seu livro Epopeia Maltita (O drama da guerra de Africa). Não terá o sr. Antonio de Cértima, para os canonizadores de Souza Rosa, autoridade profissional? Mas tem-na o general Gomes da Costa, o unico general-soldado do exercito português, que também não era subordinado do Souza Rosa, e que conhece admiravelmente as coisas de Africa. No seu excellentissimo livro Portugal na Guerra — A Guerra nas Colonias, dedica um capitulo (pag. 203 a 242) á expoição do coronel Souza Rosa. E, ali, não poupano as autoridades civis nem os governos, de que se queixam os três, deixa, todavia, com a simples exposição dos factos, o general Souza Rosa muito mal collocado. Com a simples exposição dos factos. Ah! não faz comentarios sobre o procedimento de Souza Rosa. Mas logo a seguir, no capitulo VII, apreciando de uma maneira geral o commando militar português, escreve:

Infelizmente, — consequencia da destruição systemática do espirito militar, que ha muito se vem fazendo, — o Commando, no nosso Exército, nem decaindo, resultado da existencia de chefes sem valor real, impedidos até aos mais elevados cargos da hierarchia militar por um sistema de promoções feito para sornas collocados nos cargos de direcção do Exército pelo favoritismo ou pela politica partidaria, ou pela sua disposição á subversão; desprovidos, na maioria dos casos, das qualidades indispensaveis a quem dirige, e dispostos, como verdadeiros parvenus, a salientar-se amuchando os que os cercam e lhes fazem sombra. A acção autoritaria e compressiva é, de resto, um goso para as naturezas de baixa extracção: tudo quanto representa força, tudo quanto seja saber, tudo que seja dignidade, enfim, tudo quanto valha, afronta-os, é-lhes suspeito e, portanto, hostil.

E é assim que o espirito militar desaparece perante a nefasta acção do commando.

Se para conseguir chegar aos altos cargos do Exército é preciso recorrer a protectores politicos, affirmar dedicação pelos partidos, em suma, ser maleável e servil, torna-se evidente, que serão, ainda, os caracteres menos dignos, ou os imbecis inofensivos, que conseguirão trepar e occupar os logares rendosos e comodos, e, portanto, o espirito do dever nacional, e o espirito militar, desaparecerão.

Bravo! Bravissimo! Muito bem! Nós ficamos com Gomes da Costa, o unico general soldado do exercito português, e os sr. Carmona, Mendonça e Matos, Pereira Bastos e Roberto Baptista que fiquem com o general Souza Rosa, arvorado por todos em symbolo do exercito, pois os três concluem d'esta forma o seu parecer, conformando-se com isso plenamente o excellentissimo dictador.

A commissão, ao concluir este relatório, salienta que, não se tendo provado a veracidade das accusações feitas ao general Thomaz de Souza Rosa, algumas das quaes eram infamantes, justo é que a este official geral seja dada uma publica reparação pelos serviços que soffreu. Exige-o a sua honra e a dignidade do proprio exercito, que, com essa campanha de diffamação, também foi atingido.

O Souza Rosa arvorado, como se vê, pela dictadura dominante, em symbolo do exercito!

Não queremos terminar sem dizer o seguinte. O livro A Guerra nas Colonias, de Thomaz da Costa, foi-nos enviado pelo auctor, com esta offerecimento, escripto pelo proprio punho do general:

Ao Senhor Homem Christo, o mais formidavel jornalista nacional dos tempos modernos, — homem de coragem e de verdade. Com data de 11 de Junho de 1925.

Não transcrevemos o offerecimento pelo elogio que se nos faz como jornalista. Esse elogio faz parte de todos os livros que nos são offerecidos, e está tão repetido, por todas as formas, apesar de não periclenarmos a santa confraria do elogio mutuo, que já não nos envaldece nem commove. Transcrevemo-lo pelas palavras homem de verdade. «O de Aveiro» concluiu então a sua famosa campanha contra o Souza Rosa. E o general, o bravo general Gomes da Costa, que lia O de Aveiro, ao escrever um livro sobre a Guerra nas Colonias, onde dedicava um capitulo precisamente á campanha dirigida pelo Souza Rosa, offerecia-nos o seu livro como homenagem ás nossas qualidades de... homem de verdade.

Outra vez dizemos, fiquem-se o excellentissimo dictador e os excellentissimos três com o sr. Souza Rosa, arvorado por todos em symbolo do exercito, que nós ficamos, muito satisfeito, com o bravo general Gomes da Costa.

Carpettes de Smyrna

Artigo de 1.ª ordem

Martins & Candeias

Rua do Gravito, 48 — AVEIRO